

Através de difratometria de raios X de uma destas amostras, detectou-se a presença de caolinita e illita, em contraste com a presença de clinoclóro e illita observada em folhelhos da Formação Ponta Grossa, na área-fonte.

Análise palinológica preliminar permite identificar a ocorrência de retrabalhamento de material devoniano, bem como a presença de variado material quaternário (fungos, algas, briófitas, pteridófitas, gimnospermas, angiospermas), com dominância de gramíneas.

Duas datações radiométricas de restos vegetais indicaram idades de 15920 ± 80 e 16220 ± 120 anos BP.

As características destes sedimentos sugerem a ocorrência de importante fase paleoclimática de desequilíbrio ambiental (bio-resistência) ao final do Pleistoceno, com acentuada denudação das encostas e entulhamento dos talwegues. Encostas festonadas, anfiteatros e encostas íngremes retilíneas constituem algumas paleofeições erosivas da mesma fase.

A ocorrência preferencial dos processos erosivos atuais, determinantes de áreas de risco, sobre estas acumulações, transforma-as num importante fator a ser considerado nas cartas de risco geológico do espaço urbano de Ponta Grossa. — (*December 11, 1998*).

IDADES U-Pb (SHRIMP) DE ROCHAS VULCÂNICAS DAS BACIAS DE CAMPO ALEGRE, ITAJAÍ E CASTRO (SC E PR)

UMBERTO G. CORDANI¹, MIGUEL A. S. BASEI¹,
OSWALDO SIGA JUNIOR¹ E ALLEN NUTMAN²

¹Instituto de Geociências, USP.

²Australian National University.

As bacias vulcano-sedimentares de Castro, Campo Alegre e Itajaí representam importantes marcos na evolução geotectônica do setor sul-sudeste brasileiro. São representadas por uma sucessão de sedimentos epiclásticos, piroclásticos e por expressivo volume de rochas vulcânicas ácidas a intermediárias, acomodadas em depressões crustais relacionadas ao Cinturão Ribeira (Castro), ao Cinturão Dom Feliciano (Itajaí) e à Microplaca Luís Alves (Campo Alegre). Diversas análises isotópicas em zircões, concentrados de rochas vulcânicas pertencentes a três afloramentos dessas bacias (Rio Negrinho, Apiúna e Fábrica), foram recentemente realizadas através do método U-Pb (SHRIMP), nos laboratórios da Australian National

University. Foram selecionados para análises, zircões prismáticos, límpidos e sem feições de crescimento secundário, sugerindo geração a partir de um único evento de cristalização magmática. Os pontos analíticos posicionaram-se sobre ou próximos da curva concórdia, fornecendo idades médias (critério 2σ) de 595 ± 16 Ma (Campo Alegre), 563 ± 14 Ma (Itajaí) e 543 ± 12 Ma (Castro). Estes resultados indicam formação de tais rochas vulcânicas durante a evolução tectônica e sedimentar das respectivas bacias, mostrando claramente que os eventos geotectônicos a elas relacionados tiveram duração da ordem de dezenas de milhões de anos. A proximidade geográfica e a similaridade em idade entre as rochas vulcânicas pertencentes à Bacia de Campo Alegre e os granitos alcalinos-peralcalinos da Serra do Mar sugerem correlação no mesmo episódio vulcano-plutônico do final do Pré-Cambriano e início do Paleozóico. O mesmo ocorre em relação às rochas vulcânicas pertencentes à Bacia de Itajaí e os granitóides tipo Subida. — (*December 11, 1998*).

ESTADO D'ARTE DA COLEÇÃO DE MACROFITOFÓSSEIS DA FORMAÇÃO TREMEMBÉ NA BACIA DE TAUBATÉ, TERCIÁRIO DO SUDESTE DO BRASIL*

ANA FLORA MANDARIM-DE-LACERDA¹ E MARY ELIZABETH C. BERNARDES-DE-OLIVEIRA²

Credenciado por A. C. ROCHA-CAMPOS

¹Aluna do Programa de Pós-Graduação em Geologia Sedimentar/Instituto de Geociências, USP.

²Professora Doutora e Docente do Programa de PG em Geologia Sedimentar, Instituto de Geociências, USP.

Os folhelhos pirobetuminosos e as argilas esmetctíficas, característicos dos depósitos lacustres da Formação Tremembé (Grupo Taubaté, Paleógeno, Bacia de Taubaté, SP), encerram rica história de, pelo menos, três paleocomunidades eoceno-zóicas do Sudeste do Brasil: aquática e terrestres de baixa e de alta altitudes. Desde o século passado conhece-se o conteúdo paleontológico da Formação Tremembé e, atualmente, há mais de cinquenta publicações sobre sua paleofauna e uma dúzia sobre a paleobotânica. Apesar da discrepância do número de trabalhos publicados, o número de espécies paleontológicas vegetais é uma vez e meia maior que o de animais. A paleoflora, dominada por angiospermas (61%), compreende cerca de 127 táxons